manchete

Expresso

07-12-2019

Periodicidade: Semanal
Classe: Informacão Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 82175

Temática: Justica
Dimensão: 983 cm²
Imagem: S/Cor
Página (s): 37

Caso de Alcochete está a ser julgado no Tribunal de Monsanto FOTO MANUEL DE ALMEIDA/LUSA

OS NEGÓCIOS DE DROGA NA JUVENTUDE LEONINA

Antes dos jogos do Sporting, trocavam os NIB, regateavam preços e combinavam locais para transacionar a "capeta", nome dado à cocaína

Um *e-mail* enviado por uma funcionária do Sporting a dois dirigentes da então direção de Bruno de Carvalho dava o sinal de alerta: "Pelas claques passam milhões e passam muitos criminosos do mundo da noite. Tráfico de droga, prostituição..." O documento, enviado três dias depois da invasão de elementos da Juventude Leonina à academia leonina, está a ser investigado pelo Ministério Público e faz parte do extenso processo de Alcochete, que se encontra nas mãos da juíza Sílvia Rosa Pires, a que o Expresso teve acesso.

A referência ao tráfico e consumo de cocaína por elementos da principal claque do Sporting está longe de se resumir aos 15 gramas confiscados no sótão da sede da Juve Leo no Estádio de Alvalade, atribuídos ao líder da claque, Nuno "Mustafá" Mendes, e no apartamento de dois dos acusados, em rusgas realizadas pela GNR em novembro do ano passado.

As trocas de mensagens através do WhatsApp entre arguidos e não arguidos do caso, todos eles ligados à Juventude Leonina, permitiu à GNR perceber os preparativos do ataque realizado contra jogadores e equipa técnica na tarde de 15 de maio de 2018, mas também como funcionava o circuito de compra e venda de cocaína e haxixe entre os suspeitos.

Na semana que antecedeu a final entre o Sporting e o Desportivo das Aves no Estádio Nacional, em maio desse ano, as combinações multiplicaram-se. "Quero quatro gramas para mim. Se quiseres, levo mais para vender. Vou fazer a encomenda hoje, para o Jamor", escreveu um elemento da claque. Outro adepto lamentava: "Só me sai sangue das narinas. Já bebi três minis e dois traços. Estou com vontade de dar, mas o fornecedor foi dentro."

Antes do jogo contra o Atlético de Madrid na capital espanhola, em abril desse ano, um outro arguido dava diretrizes: "Confirma as encomendas. Mano, quando puderes, 58 euros, 35 capeta, NIB 002..." Juntamente com a frase foi enviada uma fotografia com um saco de cocaína e um ficheiro de áudio onde se ouve alguém a snifar algo. "Capeta" é um nome de código, muito repetido durante as conversas, sempre que alguém se refere à cocaína. Mas também há quem refira a mesma droga como "falupa".

O envio de números de identificação bancária via WhatsApp era recorrente entre os diversos grupos que contactavam entre si por telemóvel. "Mandas-me o NIB para te transferir o dinheiro ou preferes que te dê em mão em Madrid?", pergunta um outro membro da claque.

No início de 2018, num grupo criado de propósito para uma viagem que acompanharia a equipa do Sporting até Chaves, a conversa foi dominada, uma vez mais, pela "capeta". "Leva aos quilos, que o caminho ainda é longo", diz um dos intervenientes, a referir-se a produtos estupefacientes. Seguiu-se depois uma intensa negociação entre compradores e vendedor pelo preço do produto. Perguntou um: "Vais ver a €50?", respondeu o outro: "45." O comprador, insatisfeito com o valor, contrapôs: "Deixa ver se vou aí estar com um que tem bacana a €40." Não se percebeu se depois houve acordo, mas ninguém se mostrou chateado. "No poupar é que está o ganho", ironiza um terceiro elemento da conversa.

A leitura das centenas de mensagens revela que o consumo e tráfico de cocaína parece uma banalidade entre estes adeptos. Um deles, que se encontrava numa festa de aniversário da afilhada, mostrou surpresa por nenhum dos 50 jovens convidados de 18 anos "dar na falupa". No final da conversa, um sugere: "Temos de passar para o cavalo [heroína]", logo corroborado por outro: "Temos de passar de nível."

O mesmo grupo partilha naquele *chat* várias fotos com sacos de pó branco, mas também de armas, algumas delas tiradas num restaurante, com as armas meio escondidas entre as calças e a mesa. Os quatro homens, que aparentam ter perto de 30 anos e vestem *T-shirts* escuras com a palavra "Casuals" inscrita, surgem também numa outra fotografia a segurar vários maços de notas, num espaço público. Nessa sequência, existe ainda a imagem de um deles sem roupa e a ostentar uma tatuagem no peito com as palavras "Skinheads".

O caso mais grave, embora não esteja diretamente ligado à Juventude Leonina, é o de um arguido que aparentemente tentou traficar haxixe para o interior de um estabelecimento prisional, em dezembro de 2017. O suspeito trocou várias mensagens com um recluso condenado a uma pena de 13 anos. Este informa-o de que quer receber "fumo" para depois vender aos companheiros de cela. E combinam que a melhor forma de a droga entrar na prisão é através de bolotas de haxixe. "Daqui a uma ou duas semanas mando-te", avisa o vendedor, que foi um dos primeiros a ser detido no dia 15 de maio e que se encontra a ser julgado no Tribunal de Monsanto juntamente com os restantes 43 arguidos do caso de Alcochete.

Um dos apensos do processo é dedicado a elencar o número de crimes de que o grupo de arguidos foi já acusado ou condenado. Quase metade dos acusados tem historial com a polícia, os outros são primários e podem, por isso, ser beneficiados pela juíza, que irá ter em conta a idade precoce de alguns deles. Os crimes de que já foram indiciados são sobretudo de ameaça agravada, furto qualificado e tráfico de droga. Mas também há quatro elementos envolvidos numa rixa com adeptos do Benfica que terminou com a morte do italiano Marco Ficini, na madrugada de 22 abril de 2017, atropelado por um elemento dos No Name Boys. Há ainda um caso de suspeitas de violência doméstica e outro de extorsão e sequestro junto ao Casino de Lisboa.

O julgamento do caso ainda vai no início. Realizaram-se nove sessões, dominadas pelos depoimentos de Bruno Jacinto, ex-oficial de ligação do clube com os adeptos, e de Ricardo Gonçalves, atualmente coordenador de segurança do Sporting. Nos próximos dias serão ouvidos oito jogadores do Sporting, que irão contar na primeira pessoa os episódios de violência de que foram vítimas nos balneários da equipa de futebol: Maximiano, Wendel e Mathieu falam na segunda-feira. O clube pediu ao tribunal para que os atletas sejam ouvidos por videoconferência ou, em alternativa, que os arguidos sejam afastados da sala de audiências durante os seus depoimentos.

HUGO FRANCO
e PEDRO CANDEIAS
hfranco@expresso.impresa.pt